

# Restos mortais de Makavi repousam em Chicumbane

18/10/82

Realizaram-se sábado, em Chicumbane, Gaza, as exéquias do Reverendo Gabriel Makavi, poeta e escritor de língua Tsonga, falecido no passado dia 12, na capital.

Os restos mortais de Gabriel Makavi foram conduzidos para Chicumbane na passada sexta-feira depois de prestadas as últimas homenagens oficiais em Maputo.

Nas cerimónias fúnebres participou o Secretário do Comité Central para a Política Económica do Partido, Marcelino dos Santos, em representação pessoal do Chefe do Estado, Samora Machel, para além de outros altos membros do Partido e do Estado.

materna para, através dela, batalhar pela dignidade, pela África, pela sua Pátria. Gabriel Makavi foi um estudioso de problemas sociais e políticos, um patriota de verticalidade que apenas o seu grande amor pelos homens pode justificar e fazer compreender.

Humanista no mais profundo sentido da palavra, foi amado sobretudo pela sua simplicidade na comunicação verbal, pela sua capacidade de

Foi poeta, um grande poeta. A sua obra inspirou muitos jovens e, anonimamente, começaram também a escrever poesia e prosa em Tsonga dos quais podemos citar Mubeti Mbazima, membro do Presidium da Associação dos Escritores Moçambicanos e Bento Sitoe.

O Reverendo Makavi foi um nacionalista e um patriota coerente. Sempre que teve oportunidade, mesmo no tempo colonial, manifestou com muita coragem este patriotismo. Foi assim quando da saudação de Eduardo Mondlane, que ele transformou num dos mais belos poemas da nossa literatura e que simultaneamente foi uma fixação da árvore genealógica daquele bem amado filho do Povo.

Já lá vão vinte e dois anos que isto aconteceu. Mas encontramos-o de novo, sete anos atrás, quando da proclamação da nossa Independência a criar outro poema, belo hino patriótico a esta terra moçambicana. Muitos outros exemplos se dariam.

Como nos admirarmos, pois, quando a PIDE o manda prender a ele e a mais um vasto grupo de religiosos, dentre os quais se destaca o Reverendo Manganhela. Como nos admirarmos pois, quando muitos jovens que foram educados por este pastor deram, de várias formas, prova do mais quente e consequente patriotismo?

Por isso, neste momento em que fazemos a despedida deste grande homem, os escritores moçambicanos rendem a mais sentida homenagem aos religiosos que souberam também amar profundamente a Pátria.

O exemplo do Reverendo Makavi frutificará. Em todo o nosso País que nasçam outros Makavis que com a sua poesia e prosa em línguas nacionais, enriqueçam o nosso património cultural e preservem este sagrado valor que é a língua materna de cada um. Nós, escritores, assumimos o compromisso de dar o nosso contributo nesta grandiosa tarefa nacional.



Na ocasião, a Associação dos Escritores Moçambicanos de que Gabriel Makavi era membro do respectivo Presidium, apresentou um elogio fúnebre que passamos a transcrever na íntegra:

Falar do Reverendo Gabriel Makavi é falar de um homem cuja memória ficará gravada em letras de ouro no nosso País. Num mundo em que a língua portuguesa era um dos instrumentos de opressão de todos nós e também um trampolim para escaladas sociais muitas vezes duvidosas, ele escolheu a sua língua

transmitir em vocábulos simples pensamentos de grandeza universal, apesar de ser um dos maiores cultores de Tsonga.

Dominava esta língua com tanta profundidade que não é exagero afirmar que foi das pessoas mais conhecedoras em todo o País. Estudiosos do Tsonga tiveram sempre no Reverendo Gabriel Makavi um ponto de referência e uma enciclopédia de consulta obrigatória. Nas várias convenções ortográficas decididas internacionalmente ele esteve lá com uma palavra para dizer.